

O Radiojornalismo na Universidade de São Paulo



Luciano Victor Barros Maluly*

Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

* Autor para correspondência: lumaluly@usp.br

RESUMO

Este artigo aborda a estrutura das disciplinas relacionadas ao ensino do radiojornalismo que são oferecidas no Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade de São Paulo. Como ponto de partida, observou-se a influência do pensamento dos principais docentes por meio de obras publicadas sobre o tema, como livros e artigos. Também foram coletados depoimentos de algumas personagens envolvidas no processo (professores, alunos e colaboradores). Por fim, apresenta-se a metodologia de ensino aplicada ao radiojornalismo na USP.

Palavras-chave: Ensino de Jornalismo; Radiojornalismo; Universidade 93,7; Rádio USP FM 93,7 MHz.

ABSTRACT

This paper shall examine the structure of the disciplines related to the radio journalism teaching, that are offered in the Social Communication Course, specialized in Journalism, of the University of São Paulo. The starting point was to investigate the influence of the thinking of the main teachers, through published compositions about the theme, such as books and articles. Testimonials from some people involved on the process (teachers, students and collaborators) were also gathered. All in all, we present the teaching methodology applied to Radio Journalism at USP.

Keywords: Journalism Teaching; Radio Journalism; Universidade Radio Program 93.7; Radio USP FM 93.7 MHz.

Introdução

Quando se fala no estudo sobre radiojornalismo no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, logo vêm à tona os nomes de João Walter Sampaio Smolka (1931-2002), Gisela Swetlana Ortriwano (1948-2003) e Luiz Fernando Santoro. As atuações desses professores e pesquisadores na área do audiovisual são marcantes não só na teoria e na metodologia de ensino, mas também na memória do próprio local¹.

A publicação do livro *Jornalismo Audiovisual: Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, TV e Cinema* (SAMPAIO, 1971), por Walter Sampaio – como era conhecido –, marcou o início do trabalho de sistematização do ensino e da técnica em rádio e televisão (VASQUES, 2003). Já em 1985, Gisela Swetlana Ortriwano lança *A Informação no Rádio: os Grupos de Poder e a Determinação dos Conteúdos* pela

Summus Editorial (ORTRIWANO, 1985), obra fundamental para a compreensão dos processos e dos conceitos sobre o radiojornalismo no Brasil.

Seguindo uma tendência de abertura dos meios de comunicação, como observaremos mais adiante, Luiz Fernando Santoro começa a revelar um pensamento de vanguarda, trazendo alternativas, principalmente para o audiovisual. Surge, então, uma série de livros e artigos sobre as mudanças e as ideias advindas, em particular, da Europa, com destaque para o livro *Imagem nas Mãos: o Vídeo Popular no Brasil* (SANTORO, 1989) e o artigo “Rádios Livres: o Uso Popular da Tecnologia” (SANTORO, 1981).

Essas teorias formariam o alicerce para a construção de uma metodologia de ensino ainda aplicada nas aulas destinadas ao Jornalismo de Rádio, como é o caso das disciplinas CJE 0600 – Jornalismo no Rádio e na TV, CJE 0603 – Radiojornalismo e CJE 0532 – Projetos em Rádio. Por isso, torna-se

necessário apresentar alguns personagens que fizeram parte desse universo, com destaque para os mestres, alunos e colaboradores.

Personagens do Radiojornalismo na Universidade de São Paulo

O professor Luiz Fernando Santoro ministra aulas no Departamento de Jornalismo e Editoração, entre elas a disciplina CJE 0600 – Jornalismo no Rádio e na TV, há mais de trinta anos. O docente relata como as experiências nos meios de comunicação auxiliaram na condução dos trabalhos em sala de aula:

Desde 1983 sou professor da área audiovisual no CJE, ensinando e orientando projetos nas áreas de rádio, televisão e vídeo.

Apesar de trabalhar com televisão desde 1973, e com vídeo desde 1978, tive o prazer de dirigir a Rádio USP durante dois anos, de 1985 a 1987. Foi o período em que acabei me apaixonando pelo rádio, pois logo descobri que, ao contrário da TV e do vídeo, o rádio permite falar rápida e diretamente aos diversos públicos; possibilita experimentar e colocar em prática ideias praticamente sem custos; enfim, facilita a palavra àqueles que têm o que falar para o coletivo, daí o sucesso do uso do rádio em movimentos alternativos, em lutas sociais e em espaços comunitários.

Após haver estudado nos anos de 1978 e 1979 na Europa o uso alternativo do rádio e do vídeo, voltei ao Brasil e procurei escrever sobre tais possibilidades. E em minha passagem como diretor da Rádio USP, pude colocar essas ideias em prática, permitindo que o rádio fosse feito por quem nunca havia pensado em trabalhar com ele, mas que tinha o que falar, sempre com o apoio da estrutura profissional da emissora.

O sucesso da Rádio USP, sempre premiada e elogiada pelo seu caráter inovador, me deu a certeza de que essa forma de trabalhar em uma emissora de grande alcance, continuamente oxigenada por novos produtores, encontrou na produção radiofônica um espaço privilegiado. Afinal, no rádio tudo era possível e as ideias mais inusitadas ganhavam vida.

Quando deixei a emissora, continuei ministrando meus cursos na área audiovisual, e neles busquei aplicar o que de melhor aprendi em minha passagem pela Rádio USP: que podemos produzir programas sobre quaisquer temas, e que o espaço para a criatividade é praticamente ilimitado, desde que se domine o conteúdo e se conheçam a linguagem radiofônica e seus recursos, cuidando atentamente das etapas de produção, apresentação, edição e acabamento.

E essa tem sido a tônica dos cursos sob minha responsabilidade, propondo, logo nos primeiros meses do curso de Jornalismo, a formação de um repertório de referência, conhecendo o que se faz no rádio brasileiro, e compreendendo os recursos técnicos utilizados no processo de produção, sobretudo na gravação e no acabamento dos programas. Assim, já no início do curso, os estudantes desmistificam os equipamentos, aprendendo a manuseá-los, e a utilizar os *softwares* de edição, para não depender de profissionais e ter, dessa forma, referências do que é possível ou não ser feito no rádio, ganhando independência e segurança no processo de criação e produção.

O resultado tem sido surpreendente, pois os programas dos alunos acabam tendo qualidade de criação e produção suficiente para serem veiculados em emissoras radiofônicas. Ao mesmo tempo, desenvolvem um olhar crítico para o conteúdo e forma do que é produzido nas demais emissoras.

Quando os programas são, enfim, apresentados no final dos semestres, os resultados são sempre estimulantes, pois a participação e o envolvimento na produção são intensos, fazendo assim com que o rádio seja entendido, para muitos estudantes, como uma real possibilidade de expressão e de atuação profissional. (SANTORO, 2016).

Diversos profissionais e professores de outras instituições colaboram com o Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, inclusive ministrando disciplinas durante períodos de dificuldade, como no caso de ausência de algum docente por motivos diversos. Para muitos, é uma oportunidade de conviver com os mestres, como conta o

jornalista, especialista e mestre em Comunicação e professor da Faculdade Cásper Líbero, além de doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), Pedro Serico Vaz Filho:

As aulas eram ministradas às quintas-feiras, no período noturno. O convite veio do professor doutor José Coelho Sobrinho, na época coordenador de ensino do curso de Jornalismo da instituição. O intermediador, que indicou o meu nome, foi o professor doutor Luiz Fernando Santoro. Na ocasião eu lecionava a mesma matéria na Universidade São Marcos e também na Faculdade Cásper Líbero, onde permaneço até a presente data.

A atuação com os estudantes da ECA foi enriquecedora por vários aspectos. Inicialmente gratificante, pois a disciplina era ministrada pela professora doutora Gisela Swetlana Ortriwano, uma referência e sendo também uma das mais respeitadas docentes e estudiosas do meio do rádio no país. Tive a oportunidade de conhecê-la um ano antes de sua morte, ocorrida em 19 de outubro de 2003. Cheguei a visitá-la na sala que ocupava no Departamento de Jornalismo da ECA. Já havíamos sido apresentados em ocasiões de bancas, tendo ela como arguidora. Tive alunos que chegaram a entrevistá-la. No encontro de 2002, falamos sobre o rádio, sobre a carreira dela, observei inúmeros volumes encadernados em espiral nas estantes daquela sala. Gisela falava com segurança. Era assertiva, convicta. Tive uma aula particular naquela quase uma hora de prosa. Saí dali alimentado de conhecimentos. Eu já havia lido e relido seu livro *A Informação no Rádio: os Grupos de Poder e a Determinação de Conteúdos*, de 1985. Me dei conta do valor inestimável daquele encontro ali mesmo. Foi uma orientação para as minhas aulas na época e mais ainda, involuntariamente, um ensinamento para o que aconteceria dois anos depois: eu estaria como seu substituto em sala de aula. Não me sentia à altura, mas a missão me foi dada. Lembrei-me da simplicidade de Gisela. Cheguei à ECA para lecionar com antecedência no primeiro dia. Passei diante da sala que ela ocupava. A porta estava fechada, e minha lembrança, viva. Parei por

alguns instantes naquele corredor. Não cheguei a fazer uma oração, mas refleti sobre o tempo que ali passei em contato com ela, dirigi um pensamento a ela, que me ensinou com o que escreveu e com o que me disse. Fiquei emocionado e segui para a classe. Procurei me concentrar para fazer jus àquela oportunidade que durou um semestre. Os alunos foram chegando aos poucos. Apresentei e contei rapidamente essa história a eles. Fizemos um círculo e iniciei o conteúdo lembrando a trajetória histórica do rádio no Brasil, o destaque do meio como veículo de comunicação e também mercado de trabalho e a preciosa linguagem do rádio para os ouvintes. Enquanto isso, fazia uma homenagem a ela em meu interior. Falei também de minha vivência como jornalista e radialista iniciada em 1990. Passei a valorizar mais o meio radiofônico e a minha própria trajetória lembrando de estudos como os realizados por Gisela. Soube interpretar a paixão de quem ouve e de quem trabalha diante dos microfones, ensinou a fazer uma análise crítica desse meio e assim ofereceu com clareza reflexões para a melhora do rádio. Obrigado, Gisela, pelas portas que me abriu. (VAZ FILHO, 2016).

Nara Lya Cabral Scabin é formada em Jornalismo, além de mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, todos na ECA-USP. A experiência dela em rádio-jornalismo aliou o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo o curso fundamental para a sua formação:

Cursei o bacharelado em Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da USP entre 2008 e 2012. Meu primeiro contato com o rádio-jornalismo foi em 2009, quando desenvolvi um projeto de iniciação científica com um estudo sobre rádio-jornalismo, financiado pelo Programa Ensinar com Pesquisa, da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade. Para mim, esse primeiro contato com o rádio e seus formatos foi fundamental, naquele momento, à compreensão das associações possíveis entre pesquisa e prática jornalística, à percepção da possibilidade de reflexão teórica, por parte do jornalista, sobre seu fazer cotidiano. O projeto incluía

a produção de reportagens sobre locais famosos e turísticos da cidade de São Paulo, com o objetivo de reconstruir o universo sonoro desses lugares. Posteriormente, as reportagens eram transmitidas no programa Universidade 93,7, da Rádio USP, assim como transcritas e analisadas. Era meu primeiro contato com a pesquisa e com o gravador.

No ano seguinte, em 2010, cursei as disciplinas relacionadas à produção radiofônica que são oferecidas pelo Departamento de Jornalismo e Editoração como obrigatórias para o curso de Jornalismo: Radiojornalismo, no primeiro semestre, e Projetos em Rádio, no segundo. Desses dois cursos, ficaram-me as lembranças mais marcantes das disciplinas laboratoriais que acompanhei durante a graduação – em parte, talvez, gratificante experiência de poder exercitar, cotidianamente, um pouco do universo que acabava de descobrir com a pesquisa de iniciação científica. Mas havia outras razões que tornavam a experiência do curso tão marcante. Uma delas era, sem dúvida, a dinâmica das aulas, que reuniam exposições por parte do professor, debates em classe e produções no laboratório de rádio. No caso da disciplina de Projetos em Rádio, os alunos, reunidos em grupos, deviam eleger eixos temáticos que orientavam o trabalho em diversos formatos. Para mim, como aluna do 3º ano de Jornalismo, o maior ganho foi a possibilidade de exercitar diferentes funções (repórter, apresentadora, debatedora, editora, produtora) em gêneros variados (reportagem, debate, mesa-redonda, entrevista).

Outro recurso importante das disciplinas de radiojornalismo do CJE, do qual me lembro com muito carinho, era a possibilidade de transmissão, no Programa Universidade 93,7, dos trabalhos elaborados pelos alunos. Na verdade, o processo produtivo de cada turma seguia uma agenda que visava à alimentação regular e constante da grade da Rádio USP. Todo domingo, na hora do almoço, acompanhávamos os projetos produzidos por nós ou pelos colegas. Era a primeira vez que escutava minha voz através de uma mídia “de verdade”. Esse, sem dúvida, foi outro fator que colaborou para tornar minha experiência com rádio tão marcante durante a graduação. Mais do que isso,

a rotina de fornecimento de materiais para a Rádio USP é fundamental à formação do aluno do CJE, que tem contato, desde o quinto semestre do curso, com a rotina produtiva de uma emissora. Ao mesmo tempo, os alunos são estimulados a tomar contato com os trabalhos de seus colegas de classe e de outros períodos. Ganham os alunos, sem dúvida. Ganha a Rádio USP. Ganham os ouvintes. (SCABIN, 2016).

Assim como Nara Lya Cabral Scabin, o atual professor adjunto do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Rafael Duarte Oliveira Venancio, também fez graduação em Jornalismo na ECA, assim como mestrado e doutorado, porém no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais. Venancio relembra os ensinamentos das aulas de radiojornalismo na graduação, assim como a utilização futura quando docente.

Durante a graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da ECA-USP, a qual cursei entre 2005 a 2008, as atividades de radiojornalismo foram as mais inventivas da minha formação. Utilizando o exercício reflexivo do papel do radiojornalista, desde a definição da pauta até a disseminação da matéria gravada, as disciplinas me possibilitaram um exercício para além dos padrões. Lembro-me vivamente de minha matéria sobre o esporte paraolímpico, com enfoque no *goalball*, enquanto um momento chave de minha formação. As disciplinas reforçaram a minha vontade de trabalhar com rádio, sendo ouvinte desde a infância graças a minha mãe e seu hábito de me acordar ouvindo os radiojornais da Bandeirantes AM. Com isso, meu doutorado na ECA-USP levou muito dessa formação, ao discutir a permanência do rádio como mídia, e do meu exercício enquanto professor de Rádio da FMU-FIAM-FAAM, onde fui coordenador da graduação em Rádio e TV. Atualmente, como professor da Universidade Federal de Uberlândia, sempre rememoro as lições de trabalhos práticos em que

os alunos podem executar todas as funções com ampla consciência e compromisso social. Isso é algo que sempre ensino aos alunos jornalistas que formo na graduação e no mestrado e que me foi ensinado, na prática, nas disciplinas de radiojornalismo da ECA-USP. (VENANCIO, 2016).

O Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE)² é voltado aos alunos de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo e, entre os diversos propósitos, visa a estimular a formação docente. O radialista Carlos Augusto Tavares Júnior também é mestre e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Carlos é um entusiasta do ensino do rádio, tanto que está sempre presente como monitor, mesmo como voluntário:

A produção de programas na Rádio USP me proporciona tanto um contato de proximidade com a minha área de formação (em Comunicação Social, com habilitação em Radialismo), como também com minha formação teórica pela USP, a partir de 2011, com meu ingresso no mestrado em Ciências da Comunicação e atualmente, como doutorando na mesma área. Como monitor do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino nas disciplinas do curso de Bacharelado em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) – Radiojornalismo e Projetos em Rádio, estou envolvido com as seguintes matérias e atividades: Linguagem radiofônica e recursos da produção técnica em rádio e Oficinas de edição e montagem de programas de rádio.

Apesar da minha passagem com vínculo no PAE ter sido oficializada no segundo semestre de 2012, tenho feito acompanhamento voluntário, sob supervisão de meu orientador (até minha titulação de mestre); como palestrante convidado em 2014; em 2015, cursando doutorado, por meio de acompanhamento das aulas noturnas do sétimo semestre de Jornalismo; e neste ano, como monitor vinculado ao PAE nas aulas noturnas de Projetos em Rádio e esporadicamente com a turma matutina de Radiojornalismo.

Essas atividades contribuem para minha formação como docente na área em que sempre mantive o foco de minhas especialidades. (TAVARES JÚNIOR, 2016).

O Programa de Estímulo ao Ensino da Graduação (PEEG)³ da Universidade de São Paulo é uma oportunidade para os alunos se aproximarem da carreira docente, conforme as áreas de interesse. Os monitores selecionados recebem uma bolsa de auxílio com o objetivo de acompanhar os professores nas diversas atividades ligadas às disciplinas. A aluna Susana Berbert foi monitora na disciplina CJE 0603 – Radiojornalismo e relata a experiência, assim como os benefícios à carreira de jornalista.

A experiência de monitora durante o primeiro semestre de 2015 na disciplina de Radiojornalismo foi muito proveitosa para minha formação como jornalista. Por ser uma aula prática e com diversos trabalhos, como produção e edição de programas e matérias, pude explorar diferentes áreas e aprofundar meus conhecimentos sobre o tema. Participei com o professor das avaliações, fui ponte de contato entre ele e os estudantes, orientei os alunos para melhorias nos trabalhos entregues e na elaboração de roteiros, aumentando minha capacidade crítica e potencial na área. O professor sempre foi muito paciente e requisitou minha participação durante as aulas, dando importância à minha presença e valorizando meu trabalho. Além dos benefícios relacionados à execução da profissão que escolhi, tive contato direto com a realidade acadêmica, obrigações dos docentes, e, com isso, entendi mais o universo dessa carreira.

O semestre foi absolutamente positivo e acredito que a classe, ademais de mim, também tenha sido beneficiada pelo Programa de Estímulo de Graduação. (BERBERT, 2016).

Considerações Finais

A grade do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, é composta por três disciplinas relacionadas ao ensino do

radiojornalismo. A matéria introdutória CJE 0600 – Jornalismo no Rádio e na TV possui aspectos dos dois meios, enquanto as disciplinas CJE 0603 – Radiojornalismo e CJE 0532 – Projetos em Rádio estão diretamente associadas ao rádio.

A primeira disciplina destinada ao Curso de Graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, é a CJE 0600 – Jornalismo no Rádio e na TV⁴, oferecida nos primeiros e segundos anos (noturno e diurno, respectivamente) e de responsabilidade do Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro. Seguindo a ementa, a ideia é colocar os estudantes no primeiro ano de Jornalismo em contato com a linguagem e a produção jornalística no rádio e na TV. Os alunos lidam com os conceitos básicos de radiojornalismo e de telejornalismo, além de analisarem matérias jornalísticas no rádio e na TV e realizarem exercícios nos laboratórios de rádio e de TV do CJE. As atividades didáticas da disciplina seguem a estratégia apresentada a seguir: segundo Santoro, nas primeiras semanas de aula os alunos realizam um trabalho de audição e decupagem de um trecho de radiojornal, com o objetivo de entender a notação escrita para ser lida em estúdio e o processo de produção do radiojornal. A partir das observações feitas pelos alunos, o professor apresenta as considerações teóricas sobre a linguagem radiofônica. Esse processo, no qual os estudantes partem do conhecimento da produção radiofônica de jornalismo no rádio, se faz necessário diante da pobreza de repertório dos alunos ingressantes, que não têm o hábito de ouvir notícias no rádio. Com isso, os alunos passam a ter um repertório de exemplos comuns.

O professor Santoro explica que o processo acima descrito se repete com uma matéria de telejornal, na segunda metade do semestre. Noções básicas da linguagem audiovisual são repassadas aos alunos para que possam realizar sua primeira produção audiovisual. Os alunos fazem o primeiro programa de rádio ao final do primeiro mês de aula, com o fim de desmistificar o processo de produção radiofônica, utilizando para a gravação o estúdio do CJE e um *software* de edição digital de áudio. A maior parte dos estudantes tem assim o primeiro contato com

o processo de produção radiofônica. Ao final do semestre, realizam um programa piloto de trinta minutos para ser apresentado a uma emissora de rádio. Seguindo esse mesmo conceito, semestralmente produzem um vídeo com cerca de cinco a seis minutos, também com o objetivo de desmistificar o equipamento de gravação e de pós-produção.

Santoro revela que o oferecimento dessa disciplina já no primeiro ano do curso veio ajudar a resolver dois grandes questionamentos que recebemos em anos passados, quando os alunos reclamavam de não terem contato com a prática do jornalismo audiovisual logo no início do curso, pois as disciplinas eram oferecidas apenas no terceiro ano. Além disso, os alunos, já nos primeiros semestres, se propunham a realizar trabalhos audiovisuais para outras disciplinas, inclusive teóricas, e não possuíam qualquer informação mais técnica, o que acabava causando sérios problemas quanto ao uso adequado de equipamentos e de estúdios.

Já diante da produção realizada na disciplina, a cada semestre são feitos de seis a sete exercícios radiofônicos e o mesmo número de programas pilotos de rádio e de vídeos, todos preparados em grupos de cerca de cinco a seis alunos. O que chama a atenção nos últimos anos é a preocupação que os estudantes têm com a questão estética e com o bom acabamento dos programas, e não apenas com o conteúdo. Grande parte desses programas possui qualidade técnica para ser exibida em emissoras, como pode ser comprovado nos exemplos disponibilizados no *site* do CJE (www.usp.br/cje).

A grade do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, oferece duas disciplinas direcionadas especificamente ao ensino do radiojornalismo. As disciplinas CJE 0603 – Radiojornalismo e CJE 0532 – Projetos em Rádio⁵ são disponibilizadas semestralmente e em sequência, para o período diurno (quinto e sexto semestre), e para o noturno (sexto e sétimo). Ambas estão sob minha responsabilidade, desde 2006.

Assim como a disciplina CJE 0600 – Jornalismo no Rádio e na TV, essas disciplinas possibilitam aos alunos trabalharem com conteúdos que aliam o experimentalismo à responsabilidade.

Desenvolve-se assim o estilo do futuro profissional, sem deixar de lado os principais critérios da apuração jornalística. Observa-se ainda um cuidado para com as características do rádio (ORTRIWANO, 1985), a produção (SAMPAIO, 1971) e a tecnologia (SANTORO, 1981), como forma de manter o padrão de qualidade dos produtos desenvolvidos.

Um dos principais benefícios das disciplinas práticas é a possibilidade de envolvimento dos técnicos acadêmicos, como os do CJE, no caso de Ulisses Rodrigues de Paula e Carlos Augusto Soares (digital) e de Carlos Alberto Martins Netto, Alexandre Munhoz Vieira e Roberto Samarão Guimarães (audiovisual), dando suporte tanto na manutenção, quanto na realização de trabalhos acadêmicos, como as gravações de programas e a viabilidade de projetos digitais para a *internet*, celulares etc.

A disciplina CJE 0603 – Radiojornalismo possibilita uma ampliação dos conceitos aplicados nas aulas do professor Luiz Fernando Santoro, com discussões em torno da história, do meio, da linguagem, dos gêneros, entre outros. Após as aulas introdutórias, os alunos realizam os primeiros trabalhos mediante a elaboração de matérias voltadas aos gêneros opinativos, como resenhas, crônicas e artigos, que exploram sua criatividade diante dos diversos recursos sonoros, como as peças radiofônicas. Com esse material, os alunos produzem o primeiro programa radiojornalístico. As pautas são organizadas em grupos – geralmente a turma é dividida em quatro equipes – seguindo a linha editorial previamente planejada e discutida. O primeiro programa é um radiojornal básico, com as transmissões das matérias, interação entre repórteres e locutores, além de possíveis entrevistas com colaboradores. Além do estilo, observam-se também o processo de edição das matérias e a utilização de outros produtos complementares como vinhetas, BGs, músicas etc.

Já o segundo trabalho é destinado às radioreportagens, com produções de externas. Os alunos agora exploram outros recursos, como a captação de dados *in loco*, como os ruídos e as entrevistas, além dos relatos conduzidos durante as passagens dos repórteres. Da mesma forma, os grupos

discutem as linhas editoriais dos programas, com as possibilidades ainda de inserção de matérias ao vivo, entrevistas nos estúdios e interatividade entre a equipe e os convidados.

Já a disciplina Projetos em Rádio produz programas variados, com a utilização dos diversos gêneros, com ênfase no experimentalismo. A turma também é dividida em grupos, com a produção de três programas para cada equipe. O primeiro é baseado no diálogo, com os alunos trabalhando as entrevistas, em formatos variados como a mesa-redonda, o debate etc. O segundo é voltado à coleta e às produções de materiais jornalísticos especiais, com enfoque na recuperação de arquivos e também nas reconstituições. Já o terceiro se destina ao trabalho autoral fora do padrão, através da montagem de radiorevistas, programas temáticos e especializados.

Ambos os produtos são editados e transmitidos pela Rádio USP FM durante o programa *Universidade 93,7^{FM}*, sempre aos domingos, entre onze e meio-dia, desde 2008. E os arquivos são disponibilizados para *download* no site www.eca.usp.br/radiojornalismo. Além do ensino, o radiojornalismo na Universidade de São Paulo é fonte para pesquisas na graduação e na pós-graduação, bem como na extensão, com a oferta de oficinas, eventos e projetos de extensão.

Notas

- 1 Os Laboratórios de Rádio e de Televisão foram contemplados, respectivamente, com os nomes dos professores João Walter Sampaio Smolka e Gisela Svetlana Ortriwano.
- 2 <http://www.prg.usp.br/index.php/pt-br/pae/o-que-pae>. Acessado em 19 mar. 2016.
- 3 http://www.prg.usp.br/?page_id=399. Acessado em 19 mar. 2016.
- 4 As informações sobre a disciplina CJE 0600 – Jornalismo no Rádio e na TV foram escritas pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro, responsável pela disciplina, como colaboração para este material. Santoro também é autor do livro *A Imagem nas Mãos: o Vídeo Popular no Brasil* (São Paulo: Summus, 1989).
- 5 As duas disciplinas foram objetos de estudo da pesquisa “O Ensino do Radiojornalismo: Experiências Luso-Brasileiras”, por mim desenvolvida na

Universidade do Minho em 2011, sendo que essas e outras informações estão disponíveis em: http://www.usp.br/cje/box/o_ensino_do_radio_jornalismo.pdf. Acessado em 15 mar. 2016

6 http://www.radio.usp.br/?page_id=233. Acessado em 21 mar. 2016.

Referências Bibliográficas

GOUVEIA, Leandro Reis Santos de. *Gisela Svetlana Ortriwano e o Radiojornalismo: uma Trajetória de Ensino*. Iniciação Científica / Programa Ensinar com Pesquisa. São Paulo: ECA/USP, 2010-2011. Disponível em: http://www.jornall.com.br/radiojornalismo/textos/Gisela_Swetlana_%20Ortriwano_e_o_Radiojornalismo.pdf.

MALULY, Luciano Victor Barros. *O Ensino do Radiojornalismo: Experiências Luso-Brasileiras*. Relatório de Pós-Doutorado. Universidade do Minho (Portugal) – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: ECA-USP, 2011. Disponível em: http://www.usp.br/cje/box/o_ensino_do_radio_jornalismo.pdf.

_____. *et al.* *O Radiojornalismo na Universidade de São Paulo*. Painel Apresentado no 1º Congresso de Graduação da Universidade de São Paulo. 25 a 27 de maio de 2015. *Anais*. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, 2015, p. 203. Disponível em: http://biton.uspnet.usp.br/cgrad/wpcontent/uploads/2015/11/anais_congresso_graduacao_usp2015.pdf.

ORTRIWANO, Gisela Svetlana. *A Informação no Rádio: os Grupos de Poder e a Determinação dos Conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

SAMPAIO, Walter. *Jornalismo Audiovisual: Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, TV e Cinema* (por João Walter Sampaio Smolka). Petrópolis: Vozes, 1971.

SANTORO, Luiz Fernando. “Rádios Livres: o Uso Popular da Tecnologia”. *Revista Comunicação e Sociedade*, ano III, n. 6, São Bernardo do Campo, Cortez Editora, set. 1981, pp. 97-103.

_____. *A Imagem nas Mãos: o Vídeo Popular no Brasil*. São Paulo: Summus, 1989.

VASQUES, Rúbia de Oliveira. “Walter Sampaio: o Pioneiro na Sistematização do Telejornalismo Brasileiro”, “Perfis”. *PCLA*, vol. 4, São Bernardo do Campo, Umesp, jan./fev. e mar. 2003. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/perfis%2014-1.htm>.

Sites

Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP: www.usp.br/cje/.

Escola de Comunicações e Artes da USP: <http://www3.eca.usp.br/>.

Programa Universidade 93,7: www.eca.usp.br/radiojornalismo.

Pró-Reitoria de Graduação da USP: www.prg.usp.br.

Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP: <http://www.prgp.usp.br/index.php/pt-br/>.

Rádio USP FM 93,7: <http://jornal.usp.br/radio/>.

Universidade de São Paulo: <http://www5.usp.br/>.

Depoimentos (2016)

BERBET, Susana. Entrevista concedida a Luciano Victor Barros Maluly. 15 Mar. 2016. (Íntegra da entrevista está transcrita no artigo).

SANTORO, Luiz Fernando. Entrevista concedida a Luciano Victor Barros Maluly. 12 Mar. 2016. (Íntegra da entrevista está transcrita no artigo).

SCABIN, Nara Lya Cabral, Entrevista concedida a Luciano Victor Barros Maluly. 14 Mar. 2016. (Íntegra da entrevista está transcrita no artigo).

OLIVEIRA, Rafael Duarte Oliveira. Entrevista concedida a Luciano Victor Barros Maluly. 14 Mar. 2016. (Íntegra da entrevista está transcrita no artigo).

TAVARES JÚNIOR, Carlos Augusto. Entrevista concedida a Luciano Victor Barros Maluly. 12 Mar. 2016. (Íntegra da entrevista está transcrita no artigo).

VAZ FILHO, Pedro Serico. Entrevista concedida a Luciano Victor Barros Maluly. 12 Mar. 2016. (Íntegra da entrevista está transcrita no artigo).

Publicado em 31/03/2017.